

E N S A I O

Onde se lê PT, leia-se Lula. Sempre

Antes de mais nada, as datas. O Partido dos Trabalhadores, fundado legalmente e registrado em 1980, foi profetizado – e anunciado firmemente pela primeira vez – dois anos antes, no fim da tarde do dia 10 de dezembro de 1978, no Rio, precisamente na Sala de Convenções do Hotel Nacional, durante o V Painele do Encontro Nacional pela Democracia, promovido pelo Cebrade (Centro Brasil Democrático), uma organização de fachada do então ilegal Partido Comunista Brasileiro, PCB, o Partidão.

O presidente da mesa anunciou: – Quero chamar, agora, o companheiro Luiz Inácio da Silva, Lula, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. (Não citou de onde era o sindicato. Naquela época, falar de sindicato era falar de São Bernardo do Campo).

Segundo uma versão da reunião publicada pelo Cebrade em quatro volumes, numa coedição Avenir – Civilização Brasileira – Paz e Terra, ouviram-se “Palmas”. Ah, já não se usam códigos taquigráficos como antigamente!

Então, Lula começou a falar, dizendo que encontrou “encontrar uma bola de cristal” para dizer o que seria o “Brasil depois de novembro de 78” (era o tema do encontro), mas preferiu fazer uma análise da situação nacional e dos pré-requisitos para as mudanças. A primeira dessas exigências que enunciou – a marca rebelde com que sobreviveu politicamente e o torna singular até hoje, passados 20 anos – era de que as transformações não “viriam” porque o regime militar “concederia”, mas porque “cederia” a pressão popular. A idéia da conquista, da tomada do poder.

Em seguida, em sucinta análise, Lula rejeitou todos os caminhos até então postos e todas as lideranças até então reconhecidas da oposição brasileira (dos mitos liberais, como Juscelino, até o MDB, que fazia a oposição legal, concedida pela ditadura e a quem acusou de, onde chegava ao poder, caso do Rio, com Chagas Freitas, ou em muitos municípios, ter-se acomodado com os instrumentos estabelecidos pelo regime), para concluir: “A classe trabalhadora já está cansada e explorada econômica e politicamente”. Então fez o anúncio inesperado:

– A classe trabalhadora criará um partido político.

No primeiro momento, pensou-se que se tratava de uma declaração retórica. Mas, em novembro de 1979, quando o governo Figueiredo decretou o fim do bipartidarismo (Arena-MDB), abrindo caminho para a criação de novos partidos – que seriam registrados em 1980 – a formação do PT mostrou que Lula não era um improvisador, mas um líder com estrutura política sólida e posições originais diante da realidade brasileira. Ao recusar a Arca de Noé que era o MDB (que se transformaria em PMDB), já havia recusado o Partido Comunista, então na clandestinidade, e que tentara recrutá-lo – a velha tática comunista de criar fachadas para agir nos bastidores – para atividade sindical pelo seu irmão mais velho, o “Frei” Chico, que pertencia ao Partidão (O apelido de “frei” nada tinha com religiosidade, mas devido à calva de Chico, que parecia a tonsura dos franciscanos).

Sem escolaridade, e nem se pode dizer que Lula seja um autodidata, pois não tem leituras, nem informa-

ções que não sejam as correntes na classe média-baixa em ascensão no ABC paulista graças ao desenvolvimento da indústria automobilística, sua ignorância é suprida por uma intuição privilegiada, uma curiosidade extraordinária e uma grande capacidade de estabelecer cumplicidades com intelectuais ou conselheiros que lhe acrescentem sabedorias.

Do ponto de vista prático, quando foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo – durante a ditadura, ainda na vigência da legislação fascista que dava poderes intervencionistas ao Ministério do Trabalho nas organizações sindicais –, usava e abusava dos conselhos, observações e orientações legais do então advogado do sindicato, Almir Pazzianoto, hoje ministro do Superior Tribunal do Trabalho. Naqueles dias em que estava surgindo como líder sindical, a alegre, irreverente, indisciplinada e tresloucada “turma do Pasquim” espantou-se ao entrevistá-lo, com a preocupação de Lula em ouvir Pazzianoto. Explica-se: era importante não dar aos militares pretextos contra ele e o advogado o ajudava a autoconter-se.

Mas, se para suas aparições públicas, em atos onde corria o risco de cometer imprudências graças às quais os militares podiam pegar no seu pé, por escorregões capitulados nas leis vigentes, Lula utilizava os serviços do “doutor Almir Pazzianoto”, na intimidade abastecia-se de idéias, História e Filosofia (dia e noite, pois ele chegou a morar na sua casa), com Frei Betto. Carlos Alberto Libânio

Christo era um dos quatro dominicanos do Convento das Perdizes, em São Paulo, condenados durante o regime militar por esconder e ajudar a subversivos que participavam da luta armada. Frei Betto esteve preso entre 69 e 73 em oito prisões. Acusado de tentar uma absurda associação entre Marx e Cristo, como se o marxismo não fosse essencialmente materialista, Frei Betto é devoto de Nossa Senhora (como o comunista espanhol Santiago Carrilho, citado no extraordinário livro “El Rey”, de José Luís Villalonga) e um dos mais importantes divulgadores brasileiros da Teologia da Libertação, pedra angular da ação das Comunidades Eclesiais de Base, de forte influência petista, hoje em fase de declínio graças ao Movimento Carismático.

Mais tarde, Lula teria a dedicação de outro importante intelectual, o filósofo Francisco Weffort, saído dos seminários marxistas liderados por Fernando Henrique Cardoso, de quem se tornaria ministro da Cultura. Com Weffort, Lula faria suas primeiras viagens internacionais, uma delas para ir ao encontro de Lech Walles, católico da linha conservadora do papa João Paulo II e líder do Sindicato Solidarietà, da Polônia, que lutava e triunfava contra a ditadura comunista nos seus estertores. (Weffort, preterido pela máquina do PT nas eleições para a Constituinte de 87, teria o seu lugar ao lado de Lula ocupado por outro professor, Marco Aurélio Garcia, uma espécie de “ministro das relações exteriores” petista).

São informações para mostrar que além da intuição, que todos lhe reconhecem, Lula também sabe suprir, como qualquer estadista de juízo, suas deficiências de informação pelos conselheiros e assessores (Os “advisers”, em inglês, como preferem os cientistas políticos, para corresponder ao conceito desse tipo de colaborador de que se valem os políticos).

Daí, porque Lula não está no jogo eleitoral de 1998 por improvisação ou teimosia. Mas porque fez uma aposta – no PT e no tipo de esquerda e liderança que representa – e porque o PT tornou-se a força dominante de oposição. E todas as críticas que se fazem a ele e ao PT, por exemplo, a intransigência e o isolacionismo, não são acidentais, mas marcas já enunciadas em 1978, quando ele profetizou o PT. É certo que foram abandonados alguns cacoetes primitivos. Exemplo nº 1: o obreirismo, que exigia a qualificação de trabalhador convencional, excluídos profissionais liberais ou empresários, para alguém ser admitido no quadro de lideranças do PT. (Foi quando se recusou a adesão do senador Severo Gomes, industrial, apesar da sua proximidade filosófica e apoio concreto às posições petistas, matéria econômica e social.) Exemplo nº 2: a política de alianças, que o PT sempre evitou, entre outros, com Brizola e o PDT, considerados populistas e antipodas em função das administrações pedetistas no Rio e no Rio Grande do Sul, e que agora procura, convencido de que sem elas não consegue volume eleitoral suficiente

para ganhar eleição majoritária nacional.

No entanto, tais evoluções ocorrem concomitantes com as evoluções pessoais do próprio Lula, que ascendeu socialmente (pelos sinais comportamentais, expostos na forma de morar, vestir, relacionar-se), sofisticou o pensamento e as táticas de ação política para atender projetos estratégicos, igualmente ambiciosos e realistas.

Além do mais, o PT não conseguiu produzir nenhuma liderança de perfil nacional capaz de substituí-lo ou sucedê-lo. Quem mais pareceu aproximar-se foi o gaúcho Tarso Genro, sabotado e detonado pelo próprio PT do Rio Grande do Sul. E não fazia sentido trocá-lo, porque Lula continua fiel e restrito à característica da sua aparição em 1979: é a imagem de um trabalha-

dor – metalúrgico, torneiro-mecânico, homem do povo, sem escolaridade básica –

treinado pela atividade sindical e militância partidária. E certamente não é Lula, pessoalmente, quem tem perdido pessoalmente as duas campanhas eleitorais nacionais em que se meteu, mas o partido e as posições que ele representa.

Sem o rosto de Lula, que cara teria o PT? É uma hipótese sobre a qual ninguém se debruçou, nem mesmo a quase dezena de alas (ou “tendências”, como se intitulam) em que se divide o PT, que criam problemas, como o lançamento da candidatura de Vladimir Palmeira, no Rio, torpedeando o acordo federal que prioriza a candidatura presidencial de Lula. Ou como as tentativas de inclusão na plataforma presidencial petista do casamento homossexual, mais por provocação de grupos assumidamente revolucionários que por razões programáticas consequentes.

Desconhecer ou desfazer de Lula em nome de um “purismo petista”, ou de um “esquerdismo sindical” ou de alegações morais – por ele viver em condições de conforto e consumo superiores às das dos torneiros-mecânicos do ABC – são do mesmo tipo das alegações de que ele não está preparado, por não dispor de “educação e cultura”, para liderar o Brasil do segundo andar do Palácio do Planalto.

Na verdade, a questão da sucessão presidencial transcende o próprio Lula. Os eleitores devem decidir se querem o PT no poder, com tudo o que ele representa (MST, para citar sua vanguarda mais ativa, mas também a CUT, do Vicentinho), já que PT e Lula não apenas se confundem, são faces de uma mesma moeda. Um é gente, pessoa física; o outro é partido, pessoa jurídica.

LUÍZ GUTENBERG

Redator-Chefe do Jornal de Brasília

